

**A finalidade do homem: ensaio de comentário da q. 6, a. 2
da *Suma Teológica* de Tomás de Aquino**

***The purpose of man: commentary essay on q. 6, a. 2 of the
Summa Theologica of Thomas Aquinas***

***El propósito del hombre: ensayo comentario sobre Q. 6, a. 2
de la Summa Theologica de Tomás de Aquino***

João Victor Fernandes¹
Josemar de Campos Maciel²

¹Graduando em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). **E-mail:** Vfernandes.1718@gmail.com,
Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0614-075X>

²Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Graduado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso, e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Desenvolvimento Local, bem como do Master *in Territorial Development Erasmus Mundus* e do curso de Licenciatura em Filosofia da UCDB. **E-mail:** maciel50334@yahoo.com.br,
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8277-9422>

Resumo: O trabalho que segue objetiva ser um comentário de um artigo da *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino (ST, I, q. 6, a. 2), que se enuncia mediante a pergunta: “Tem o sumo bem a ideia de fim último?”. A partir desse artigo, estruturar-se-á uma orientação para a discussão do problema ético e filosófico do fim último do ser humano. Para dar conta da tarefa, o método empregado será o da construção de um ensaio discursivo, baseado no cruzamento de fontes obtidas através da orientação hipertextual que vai acontecendo nas leituras e na identificação de áreas de estudo e comentadores. Na medida do possível, espelha-se também a estrutura dialética da construção argumentativa, típica da literatura sumística medieval.

Palavras-chave: finalidade do homem; suma teológica; Tomás de Aquino.

Abstract: The work that follows aims to be a commentary on an article in the *Summa Theologica* of Saint Thomas Aquinas (ST, I, q. 6, a. 2), which is enunciated through the question: “Does the highest good have the idea of an ultimate end?”. From this article, an orientation will be structured for the discussion of the ethical and philosophical problem of the ultimate end of the human being. To cope with the task, the method used will be the construction of a discursive essay, based on the crossing of sources obtained through the hypertextual orientation that happens in the readings and in the identification of areas of study and commentators. As far as possible, the dialectical structure of the argumentative construction, typical of medieval summistic literature, is also mirrored.

Keywords: purpose of man; summa theologica; Thomas Aquinas.

Resumen: El trabajo que sigue pretende ser un comentario a un artículo de la *Summa Theologica* de Santo Tomás de Aquino (ST, I, q. 6, a. 2), que se enuncia a través de la pregunta: “¿Tiene el sumo bien la idea de ¿un fin último?”. A partir de este artículo se estructurará una orientación para la discusión del problema ético-filosófico del fin último del ser humano. Para abordar la tarea, el método utilizado será la construcción de un ensayo discursivo, a partir del cruce de fuentes obtenido a través de la orientación hipertextual que se da en las lecturas y en la identificación de áreas de estudio y comentaristas. En la medida de lo posible, también se refleja la estructura dialéctica de la construcción argumentativa, propia de la literatura sumista medieval.

Palabras clave: propósito del hombre; summa theologica; Tomás de Aquino.

1 INTRODUÇÃO

O comentário é um gênero importante na literatura filosófica. Foi construído em diálogo com outros gêneros de expressão literária desde a antiguidade, tais como a crônica histórica, a literatura de leis e a literatura escolástica; até chegar aos tempos atuais, tais como o diário, que seria uma espécie de dilagado comentário à própria vida e às suas experiências, até a crônica jornalística e as diversas formas de análise de textos, situações e produtos expressivos humanos, como os midiáticos.

Um dos pontos altos da literatura de comentários concentra-se ao redor da figura de Tomás de Aquino que, além de gozar do enorme respeito de cristãos e ser um santo de referência para a devoção católica, é respeitado como sendo uma das principais matrizes para a formatação de toda a intelectualidade europeia, por muitos séculos além da sua morte. Quando, no campo filosófico, alguém se refere a uma matriz denominada como algo parecido com filosofia do ser, está se referindo a Tomás, a Aristóteles ou a ambos.

São Tomás pertence, por devoção como frade, e por competência como professor, à fase da literatura filosófica denominada como “Escolástica”, que legou ao Ocidente os séculos mais elogiados da Idade Média. A sua forma de exercício da profissão de intelectual está registrada por escrito, em comentários e na Suma Teológica, que é um gênero específico de criação literária para aprofundamento de temas e para a orientação de alunos no mundo do pensamento científico – esclarecendo, para nossos tempos sem muito amor à história, que ele navegava na forma como se entendia a ciência no século XIII. A Suma é mais que um livro e mais do que um tratado. Trata-se de uma obra singular, entre uma enciclopédia e um tratado, extremamente articulada e exhaustiva. Não foi São Tomás que inventou a Suma, mas sem dúvida esse gênero textual encontra nele seu mais qualificado artífice. Sua obra é dividida em questões que, por sua vez, dividem-se em artigos. Um desses artigos é a matriz para a discussão, nas áreas da ética e da antropologia filosófica, da questão do chamado “fim último do homem”, da humanidade, do gênero *Sapiens*, ou mesmo da espécie humana, como se define o problema a partir de diversas áreas, cada vez mais específicas de investigação.

São Tomás de Aquino, que já foi, em vida, o jovem e encantador Professor Frei Tomás, é a matriz de muitas discussões, mas nem sempre essa sua posição fica clara, nos tempos acelerados da hipertextualidade do século XXI e, quem sabe, mirando para além dele. A seguir, são fornecidas algumas indicações contextuais para centrar o foco sobre a determinação fenomenológica do artigo em tela (q. 6, a. 2 da Suma Teológica [Aquino, 2009]). Em seguida, dar-se-ão algumas indicações sobre a sua fortuna crítica e sua relevância filosófica.

2 O QUE FOI A ESCOLÁSTICA NA IDADE MÉDIA

O período da Escolástica começa por volta do século XI. Desde a sua denominação, fica claro que o foco do movimento é a renovação do método de ensino, que envolve um contexto amplo, relativo à consolidação da civilização medieval, uma consolidação que investe na qualificação de pensadores, a *schola*. Desde o nascimento da estrutura das Universidades no Ocidente, até a investigação científica e os conteúdos do ensino, da pesquisa e da tentativa de consolidação das formas de vida da época, quase não há espaço que não seja tocado pela escolástica medieval. O método que se praticava nesse esforço para ensinar, amadurecido e consolidado nas escolas medievais, encontrou seu ápice nas obras de Tomás de Aquino (Vignaux, 1987).

A palavra “escolástica” refere-se a uma modalidade que reúne ao mesmo tempo o método e os conteúdos da filosofia produzida na Idade Média, sobretudo em campo católico, mas que se consolidou a partir de inúmeras trocas culturais com o mundo árabe e, por influência deste, grego. O historiador Nicola Abbagnano (2007, p. 344) registra que

Nos primeiros séculos da Idade Média, era chamado de *scholasticus* o professor de artes liberais e, depois, o docente de filosofia ou teologia que lecionava primeiramente na escola do convento ou da catedral, depois na Universidade.

Denominavam filósofos os professores nas Instituições de Ensino, onde eram ensinadas as sete artes liberais, a saber, as que compunham o *trivium*: lógica, gramática e retórica; e, posteriormente, o *quadrivium*: aritmética, música, geometria e astronomia. Para tanto, esse período da

filosofia Medieval nos leva à uma transcendência, em que o conhecimento contribui para enfatizar que o homem deve valorizar e se ocupar do tempo presente e projetá-lo a um fim.

A escolástica é um modo de pensar e um sistema de concepções em que se valoriza a vida terrena como dom admirável de que usufruímos para o nosso bem e para o nosso desenvolvimento pessoal e em que se admite que o ser do homem não se esgota no breve tempo de sua existência terrena (Nunes, 1928, p. 244).

Acima, estão sintetizados dois grandes vórtices mais importantes que consistiam na base da cientificidade, em sua versão medieval. A razão – no campo da filosofia- seria a grande ordenadora dos espaços da fruição dos entes, do real; e a fé, articulada pela teologia, articularia, por sua vez, as multiformes linhas da esperança da humanidade em diálogo com a Revelação de Deus. Ademais, é nesse período que surge, então, o novo método de ensino aos moldes de lições ou comentários, ou seja, as formas de exercício metodológico e pedagógico que compunham o repertório da escolástica. O método é diferenciado e, ao mesmo tempo, busca a proporção relativamente ao seu objeto, a realidade. Compõe-se de passos escalonados e progressivos. Antes de mais, havia a *lectio*. Ela consistia no comentário de um texto, tido como referência da discussão para ser explicado, caso fosse de natureza canônica ou normativa, ou tido como opositor, no caso de ser algum autor ou tema a ser combatido ou superado. A seguir, a partir desse repertório de comentários, vinha a “[...] *disputatio*, que consistia no exame de um problema através da discussão dos argumentos favoráveis e contrários” (Abbagnano, 2007, p. 344). Como seja, a finalidade mais forte de todo o exercício era a tentativa de conduzir os alunos a contemplar a verdade, com o exercício da produção de ressonâncias intertextuais entre as faculdades do conhecimento humano e os dogmas de fé. Essa filosofia, afirmam os comentadores desde Grabmann (1919), ostenta um selo metafísico, uma vez que ela dirigiu todos os pensadores da época a uma consideração do universo como sendo estruturado a partir de princípios, e à submissão de todos os entes ao dinamismo de um Ser supremo, que “é” por excelência que lhes dá fundamento, justificando a sua existência nele mesmo, considerado como a referência de tudo o que é adequado, o Sumo bem.

Além disso, os temas eram absorvidos pelos alunos através de diversas estratégias pedagógicas, como a leitura meditada e coletiva dos textos de referência para os cristãos, a *Lectio*; através da escuta dos Mestres de cátedra, ou seja, os *Sermones*; e em forma de disputa, em salas de aula que eram verdadeiras arenas (Grabmann, 1919).

Esse período, a escolástica, não tem a mesma característica da filosofia antiga (filosofia grega); ele não investiga filosoficamente de modo autônomo, e sim a partir da junção de todas as fontes de conhecimento disponíveis à época, categorizadas a partir de dois eixos, o da fé e o da razão, ou seja, da busca de ordenamentos, proporções e hierarquias entre elas – o que, aos poucos, foi sendo chamado de dialética entre fé e razão.

Em poucas palavras, a função do pensamento produzido na Escolástica é o de explicar, na medida do possível, o conjunto dos problemas e das suas soluções – ou seja, a estruturação da busca da verdade – por meio da inteligência humana, iluminada pela solidariedade da comunidade argumentativa de irmãos, da hierarquia dos sábios e das articulações das fontes – ou seja, da ajuda de Deus.

Os especialistas são unânimes em reconhecer que São Tomás de Aquino, no Ocidente, e São Gregório Palamita, no Oriente, cada um a seu modo, são os dois maiores nomes da Escolástica.

3 BREVE APRESENTAÇÃO DE SÃO TOMÁS

Tomás de Aquino nasceu por volta do final do ano de 1224 ou início de 1225, em Nápoles. Depois de hesitar entre a sólida vida monástica dos beneditinos, segundo a vontade da sua rica família, e a aventura intelectual dos então nascentes grupos mendicantes, o jovem Tomás escolheu tornar-se frade, na Ordem dos Dominicanos, então com não mais de dez anos de iniciada.

Como frade dominicano, dedicou-se ao estudo, à pregação, às orações e ao ensino, até a sua morte, com 49 anos, no ano de XXXX. Deixou uma obra brutal, plural, viva, clara e profunda, em que investigava as principais questões que agitavam o mundo de então, com clareza lógica herdada de Aristóteles, a quem chamava de *Filósofo*, tão somente, e uma enorme

riqueza de fontes herdadas dos Padres da Igreja, que incluía a Bíblia e diversos escritos de uma miríade de autores, a quem consultava com diligência e rigor.

Tomás viveu em Colônia e também em Paris e, aos trinta anos, foi nomeado *magister* em Teologia – ou seja, docente com habilitação para ensinar, em nome próprio, a doutrina comum. Em Nápoles, ele passou o resto de sua vida ensinando. Morreu com menos de cinquenta anos – alguns contam 49 –, enquanto estava a caminho do Concílio de Lyon. Teve um acidente porque estava lendo, no lombo de um burrinho, e furou um olho em algum galho de árvore. Recolhido a um mosteiro, do qual sua irmã era a abadessa, acabou falecendo por complicações das inflamações – não sem ter podido das aulas e deixando um comentário ao Cântico dos Cânticos inacabado. Foi canonizado por Leão XXII, que dizia: “iluminou a igreja mais do que conseguiram fazer os demais Doutores”. Os seus colegas posteriores às vezes o denominam como “Doutor Angélico”, para referir-se à altura e à qualidade dos seus escritos; ou como “Doutor Comum”, por sua extrema capacidade de explicar o que pertencia a toda a comunidade de fé, ou seja, por reconhecer e sinalizar o caminho mais lógico e mais atinente à Tradição, como resposta aos desafios do seu tempo.

4 A POSIÇÃO DOS ARTIGOS NA SUMA

Os artigos estão agrupados em questões, as quais formam a estrutura principal da Suma. O propósito do artigo é instruir os iniciantes (*incipientes erudire*) proficientes nas artes liberais. Para a interpretação da Suma Teológica, é importante um estudo de toda a obra, ou seja, os aspectos, o sentido e a ideia de cada artigo. Tal método está contido em cada artigo da Suma, toda a distribuição lógica dos artigos, questões, tratados e partes; estejam gravados em quem deseja estudar São Tomás.

Em cada artigo deve estar contido o sentido do título, pois nele estará o significado da questão. O conteúdo do corpo do artigo desenvolverá as noções filosóficas ou teológicas necessárias para responder à pergunta da questão, formuladas com várias teses ou conclusões na qual São Tomás dará a sua resposta final. O autor dispõe no começo da questão as objeções a

serem discutidas. Com isso, apoiado em uma resposta principal, no modo dialético da própria Suma, são formulados sob o aparelho silogístico. Assim é que o Cardinal Zigliara escreve: "*A meu ver, o verdadeiro modo de tirar proveito das doutrinas tomistas e penetrá-las a fundo é explicar S. Tomás por S. Tomás*". Desse modo, observará a ideia em que o autor se apoia, meditando, comparando a sua luz nesta e nas demais obras.

5 POSIÇÃO DAS QUESTÕES DE ÉTICA E MORAL NA SUMA

Todo pensamento ético e moral de São Tomás está alicerçado na filosofia grega e patrística, bem como no aristotelismo e no pensamento cristão da época. A ética está fundada na metafísica, "A Ética tem como fundamento necessário uma metafísica, e a estrutura inteligível do agir humano repousa na continuidade entre o especulativo e o prático" (Vaz, 1999 p. 212).

Na parte II da Suma Teológica, São Tomás reflete acerca da ética, "A Suma visa integrar a totalidade da ética pessoal e social dentro da construção teológica, assegurando a consistência e autonomia humana dessa ética em uma sabedoria de inspiração evangélica" (Sciadini, 2000 p. 118). Todo esse arcabouço de pensamento ético-cristão foi construído pela especulação filosófica e teológica da época, pois a doutrina ética de São Tomás, a qual está contida na Suma Teológica, está alicerçada na harmonia da ética a Nicômaco e do pensamento moral Cristão. Nesta doutrina, pode-se observar uma construção racional, mas não um racionalismo.

A questão ética dentro da Suma se dá pela valorização do homem através da sua inteligência natural, a razão. Dessa forma, é intrínseco ao filósofo a preocupação com o homem, este que está inserido na sociedade, na qual são necessárias leis para governar suas vidas.

Ademais, pelo fato de, no homem, conter a inteligência, ele é capaz de conhecer o fim de todas as coisas e o de si mesmo. O homem, ao contrário aos animais, pode inclinar a sua vida seguindo o livre-arbítrio e a sua liberdade. É por meio dessa liberdade que o homem é conduzido ao sumo bem. "Essas categorias, bem e fim, são originadas da metafísica e, por isso, identificam a ética de Tomás como ética filosófica. Nesta perspectiva, a ação

ética do ser humano é uma disposição para sua realização e perfeição como ser dotado de razão e liberdade” (Silva, 2008, p. 58).

Na parte segunda da *Summa Theologiae*, Tomás de Aquino demonstra toda a sua estrutura ética filosófica, começando pela estrutura do agir ético, depois o agir teológico – bem, fim, beatitude –, e também o antropológico, o qual envolve o conhecimento, a liberdade, a consciência, a paixão e os hábitos; além do específico da ética do agir, no caso, os hábitos virtuosos; e, por fim, a estrutura da vida ética, que é a fundamentação das virtudes cardeais e adesão a elas.

6 COMENTÁRIO AO ARTIGO DOIS DA SUMA TEOLÓGICA, DO QUAL AFIRMA: “SERÁ DEUS O SUMO BEM?” ST, I, Q.6, A.2;

Este artigo está localizado na *Prima secundae* – primeira seção da segunda parte. Esta divisão em “*Prima secundae*” e “*Secunda secundae*” encontra-se já nos manuscritos do século XIII e na lista da Universidade de Paris, que remonta aos anos de 1275-1286. Toda a segunda parte da Suma Teológica é um estudo do ser humano como um ente moral livre e, por esta razão, podendo tender ao sumo bem. Pode ser definida toda a segunda parte como: “os fins últimos da vida humana e os meios que para lá conduzem” (Grabmann, 1919, p. 137).

Outrossim, São Tomás se ocupa nesta *questio* de explicar o fim do homem em geral, para assim explicar o que é a felicidade, que constitui o fim supremo do homem e sua mais suprema forma. “A beatitude é para o homem um bem próprio, que não lhe é comum com os animais; os atos próprios do homem, aqueles que lhe pertencem a título de ser moral, estão, pois, numa relação muito mais estreita com a felicidade que as ações que lhe são Comuns” (Grabmann, 1919, p. 139). Com o fim de demonstrar como é indubitável a realidade da finalidade do homem, o comentário ao artigo da Suma abaixo é a demonstração da beatitude humana, dado que o ser moral é próprio ao homem, pois se pode ser demonstrado na realidade e de forma silogística, é então, a verdade mesma.

O artigo dois da questão sexta busca responder ao questionamento se Deus é o sumo bem. Em seu início, São Tomás apresenta três argumentos

que defendem que Deus não tem razão de causa final, tão pouco de Sumo bem.

O primeiro argumento afirma que a ideia do sumo bem pode vir a mais ser composto: *Summum enim bonum addit a1iquid supra bonum: alioquin omni bono conveniret*¹. Sustenta-se a ideia de que o sumo bem tem que acrescentar algo ao bem, do contrário todo bem seria o sumo bem. “Na verdade, o sumo bem acrescenta algo ao bem; senão conviria a todo bem” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]). Com isso, Ele continua mostrando o argumento contrário a sua opinião.

Afirmam que todo aquele que acrescenta algo a alguma coisa é contingente e não puro, ou seja, não é ente simples. O que afirma ser o bem supremo um ser puro, e então não pode acrescentar nada a nenhum ente, e se ele não acrescenta, não é diferente, senão igual. Quando se fala em composto, não se pode afirmar que o ente é simples, pois vai contra o princípio de contradição “nada pode ser e não ser simultaneamente”. Neste sentido, ele afirma que Deus é simples e não é composto e, não sendo diferente (composto), ou seja, não tendo nada a acrescentar, não é o sumo bem, e sim ente simples: o bem.

O mesmo se poderia dizer no que se refere à Ideia: mesmo ainda que exista algum bem único que seja universalmente predicável dos bens ou capaz de existência separada e independente, é claro que ele não poderia ser realizado nem alcançado pelo homem; mas o que nós buscamos aqui é algo de atingível (Aristóteles, 1991).

O segundo argumento contrário corresponde a uma interpretação de Aristóteles (o filósofo), que diz: *Sed nihi1 a1iuc est quod omnia appetunt*². Com a finalidade de afirmar que o bom é o fim para o qual tudo recai, sendo o efeito da causa, e esse fim seria o próprio Deus e não outro, de fato explicando a ideia de causa. Cita também o evangelista Mateus: “Ninguém é bom senão Deus” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]). Se bom é aquilo que tudo tende, conclui-se que, dado que tudo tende para Deus, por isso só Deus é

¹ “Na verdade, o sumo bem acrescenta algo ao bem; senão conviria a todo bem” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]).

² “É bom aquilo para o qual tudo tende” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]).

bom. “Sumo” tem que estar em comparação com outro ente, por isso Deus não é “sumo”, pois não é comparável a nenhum outro ente.

E, por fim, o terceiro argumento retoma a ideia de comparação, dada no final do segundo argumento: “Mas sumo se diz por comparação com outros; assim, sumamente quente se diz em comparação com tudo o que é quente. Não se pode, portanto, dizer que Deus é o sumo bem” (Aquino, 2009). Posteriormente, continua dizendo: “aquilo que é igual não pode ser comparado” (Aquino, 2009). Portanto, Deus não está na mesma ideia das coisas boas e não se pode afirmar ser ele o sumo bem. Sumo é comparação (sumo quente – muito quente, está em comparação com o quente). Não se compara o que não está no mesmo gênero, não se diz que o mar é tão agitado quanto o vulcão. Deus não está no mesmo gênero que as outras coisas boas, então Ele não é o sumo bem, porque não se compara a nenhuma criatura. “Como Deus não está no mesmo gênero das outras coisas boas, como se estabeleceu acima, parece, portanto, que não se possa dizer ser ele o sumo bem comparado a elas” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]).

Contudo, por conseguinte, acabada a sequência de argumentos que defendem a ideia de Deus não ser o Sumo bem, São Tomás apresenta uma afirmação de Agostinho que diz, em sentido contrário ao previamente argumentado, o *sed-contra*, “[...] que a Trindade das Pessoas divinas é ‘o sumo bem, que é visto pelas mentes inteiramente puras’” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]). “Mas tal vida é inacessível ao homem, pois não será na medida em que é homem que ele viverá assim, mas na medida em que possui em si algo de divino;” (Aristóteles, 1991).

A seguir se inicia a resposta, que muitos estudiosos acreditam ser a principal resposta do Doutor Angélico. A partir do *respondeo*, o mestre começa a expor sua opinião em vários argumentos. Essa resposta sempre responderá ao título do artigo, a saber: “Será Deus o sumo bem?” (Aquino, 2009). A resposta que ele dá aos questionamentos desse artigo é clara: *Deus est summum bonum*, ou Deus é o sumo bem. Após apresentar essas sequências de argumentos contrários ao que acredita São Tomás, no *respondeo*, ele nos apresenta uma explicação muito convincente dos motivos pelos quais defende sua posição.

Nesse artigo, ele defende que o bem é atribuído a Deus, de modo que tudo que for perfeito e desejável de Deus decorram como causa primeira, como aquilo que lhes dá existência. “O bem é atribuído a Deus de tal modo que todas as perfeições desejáveis dele decorrem como da causa primeira” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]). Essa perfeição que decorre de Deus não é como um agente unívoco, senão como aquele que não coincide com os efeitos nem específicos e nem genéricos. Na causa unívoca: a semelhança do efeito é uniforme; numa causa equívoca: a semelhança do equívoco se encontra mais excelente – superior e perfeita. “O calor do sol é mais intenso do que o do fogo”. Então, o bem que se encontra em Deus – causa primeira, é o cume da perfeição, é supereminente, é o sumo bem. “É preciso então dizer que se o bem se encontra em Deus como na causa primeira, não unívoca, de todas as coisas, ela se encontra nele de uma maneira supereminente. Por isso é chamado o sumo bem” (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]).

Após ter respondido ao título do artigo, São Tomás começa a responder os argumentos que ele dispôs no início do artigo:

No ad.1, São Tomás afirma que o sumo bem acrescenta ao bem uma relação. A relação entre Deus e a criatura não é real no criador e sim na criatura – pois é esta material. A relação tem um sentido de “razão”; quando dizemos, por exemplo, que algo é conhecível pelo homem, afirmamos que isso não é a coisa que é referida ao homem e sim o contrário. Portanto, “sumo bem acrescenta ao bem não algo absoluto, mas apenas uma relação”. Em Deus, ela é uma relação de razão (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]).

No ad. 2, São Tomás afirma que o bem é aquilo para o qual tudo tende, no sentido de tudo aquilo que a ele tende tem “razão de bem”. E não que todos os bens tenham uma atração por todos. Portanto, a afirmação de que somente Deus é bom deve ser entendida como uma realidade substancial – por essência. (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]).

No ad. 3, São Tomás afirma o real modelo de comparação entre Deus e as criaturas, no sentido de que todas as coisas que não estão na mesma ordem de gênero não podem ser comparadas. Neste sentido, nega-se a Deus o gênero dos outros bens. Não que ele esteja na categoria genérica diferente, mas ele está numa categoria além de qualquer gênero, pois pode-se dizer que ele é o gênero por excelência, é o princípio de todos esses. A

comparação, neste sentido, dá-se por excelência. Pois, “este é o modo de comparação que corresponde ao sumo bem”. Ele está além de qualquer gênero e é princípio de todo gênero. Assim, Ele é comparado aos outros pela excelência (ST, I, q.6, a.2 [Aquino, 2009]).

Após responder à pergunta que é o próprio artigo, e aos argumentos elencados no início, São Tomás considera determinado que Deus é o Sumo bem, e este tem razão de causa final. O que foi estabelecido neste artigo dará subsídio aos próximos. Desse modo, este e os demais estão dentro de um só sistema intelectual, as questões, a *Suma Teológica*. No entanto, como dito anteriormente, cada artigo possui uma estrutura própria, podendo ser um efetivo caminho para a contemplação da verdade que é o anseio de toda criatura, sendo a felicidade o motor que conduz ao Sumo bem, que, por sua vez, é Deus.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões que foram apresentadas no decorrer do texto dão conta de que a felicidade é o Sumo Bem, o qual todos buscam. No entanto, é pela vida contemplativa que ela é conseguida, e por onde poderá chegar até o sumo bem. Entenda-se também que toda a filosofia aristotélica é também teológica e está inclinada a um fim (*telos* – fim). Pôde-se ver durante todo o trabalho que o fim último é o Sumo Bem, ao qual todas as ações humanas tendem. Como dito, o fim último é alcançado pela vida contemplativa, por meio da qual busca-se a verdade. “O bem é aquilo a que todas as coisas tendem” (Aristóteles, 1991). Assim, Aristóteles constatou que não existia apenas fins secundários, e sim, também, um fim para todas as ações humanas, denominando “o melhor de todos os bens”.

Contudo, tanto as pessoas mais dotas e sábias quanto as menos dotas e sábias admitem que o objetivo de todos os homens é a felicidade, na qual faz parte de sua natureza ser um fim em si mesma.

Ademais, São Tomás de Aquino continua o pensamento dando nome específico ao Sumo bem. Para ele, o homem foi criado para um fim, e este fim é a felicidade que se encontra no bem infinito, que é o sumo bem, o bem perfeito no qual se encontra a felicidade e seu fim último: Deus. Ele

continua em seu *respondeo* do artigo comentado: “Deus é o sumo bem, absolutamente, e não apenas em um gênero ou em uma ordem de coisas”.

Para tanto, a pergunta que poderia ser feita: “Qual é a finalidade do homem segundo a *summa* Teológica?”

Para tanto, essa resposta é encontrada no próprio artigo da *summa*, quando este afirma que Ser bom é da própria natureza de Deus. Podemos, assim, constatar que a coisa é medida pelo quanto é desejada, ou seja, para medir se algo é bom ou mal – ruim –, devemos averiguar se este algo é, de fato, desejado. Contudo, esse desejo – movido pela felicidade – não deve, como dito anteriormente, ser um desejo em vista de algo. Esse desejo deve ser pela coisa na sua essência, como é o sumo bem, que é desejado em si mesmo.

Portanto, Deus é a causa eficiente em si mesmo, como também o é o sumo bem. Se Deus é desejado em si mesmo, ora, tudo o que é desejado em si mesmo é o sumo bem. Logo, Deus é o sumo bem. Neste sentido, dele provêm todas as coisas e, em consequência disso, tendem todas as coisas, essa é a real característica daquilo que é o bem. O próprio Dionísio é feliz em afirmar: “Deus é bom como sendo o princípio, porque todas as coisas Dele subsistem”³ O homem, quando deseja a sua própria perfeição, deseja o sumo bem, porque o ser dele está em um ser único e absoluto, que só pode ser Deus. Por esta razão, dizemos que ele é o sumo bem absolutamente, e as coisas desejadas existem nele em plenitude. Contudo, por fim, a ele e a nenhum outro as coisas se ordenam como fim, pois só Deus é ilimitado na perfeição, então só ele é bom por essência.

As ações humanas só são chamadas assim quando são propriamente humanas. Isso diferencia o homem dos demais animais irracionais, pois ele é senhor das suas ações. Essas ações advêm da vontade deliberada, isto é, o homem deseja e quer deliberadamente isso ou aquilo outro; assim, o objeto dessa vontade é o fim e o bem. Logo, o homem deseja o bem necessário. Pelo qual, todas as suas ações estão direcionadas. Com isso, existe no homem uma finalidade, e esta é o sumo bem.

³ (ST, I, q.6, a.1 [Aquino, 2009]).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. [volumes 1-9]. São Paulo: Loyola, 2009.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 1991.

GRABMANN, Martin, *Einführung in die Summa Theologiae des hl. Thomas von Aquin*. Freiburg: Herdersche Verlagshandlung, 1919.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. *História da educação na idade média*. São Paulo: Edusp, 1928.

SCIADINI, Patrício. *Santas e Santos que influenciaram o II Milênio*. São Paulo: LTR, 2000.

SILVA, Antonio Wardison. Fundamentos Filosóficos da Ética em Tomás de Aquino. *Revista Repensar*, [s.l.], n. 2, dez. 2008.

VAZ, Henrique C. De Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1:4*. São Paulo: Loyola, 1999.

VIGNAUX, Paul, *El pensamiento en la edad media*. Tradução: Tomás Segovia. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1987.

